

FLORES DO BOM JARDIM – UM RECORTE SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO A PARTIR DE HISTÓRIAS DE VIDA

FLOWERS OF GOOD GARDEN - A SNIPPET ON GENDER INEQUALITY FROM LIFE STORIES

Lília Maia de Moraes Sales¹

Mariana Almeida de Sousa²

SUMÁRIO: Introdução; 1 Acácia; 2 Violeta; 3 Camélia; 4 Rosa; 5 Lis; Considerações Finais; Referências.

RESUMO

A experiência em trabalhar no projeto desenvolvido pelo Ministério da Justiça intitulado Mulheres da Paz fez surgir para nós a oportunidade de conhecer trezentas mulheres do bairro Grande Bom Jardim (Fortaleza-Ce). Ministrando aulas de capacitação social, identificamos, em muitos casos, sofrimento na vida dessas mulheres, demonstrando tipos de violência decorrentes da desigualdade de gênero. Relataremos, no presente artigo, cinco histórias reais que nos comoveram, além de refletirem muita dor e superação. A proposta é que o leitor sinta pelo menos um pouco do que sentimos ao conversar com cada mulher. O impacto em nossas vidas foi muito significativo e determinante para orientar nossos estudos sobre desigualdade de gênero daqui para frente.

PALAVRAS-CHAVE: Diário. Bom Jardim. Gênero. Mulheres da Paz. Violência.

ABSTRACT

The experience on working in the Project developed by the Justice Department entitled Women of Peace gave us the opportunity of meeting three hundred women from the Great Good Garden neighborhood. Teaching social qualification classes, we could identify, in many cases, suffering in these women's lives. We could also identify suffering that derives from gender inequality. We will relate, in this article, five real stories that moved us, besides reflect a lot of pain and overcoming. The proposal is making the lector feels at least a little bit of what we felt when we talked to each woman. The impact in our lives was very significant and determinative to guide our studies about gender inequality from now on.

KEYWORDS: Diary. Good Garden. Gender. Women of Peace. Violence.

RESUMEN

La experiencia de trabajar en el proyecto desarrollado por el Departamento de Justicia titulado Mujeres por la Paz nos dio la oportunidad de conocer a trescientas mujeres del barrio Gran Jardín Buena. Enseñanza clases sociales cualificación, podríamos Indica los, en muchos casos, el sufrimiento en la vida de estas mujeres. También podríamos Indica los sufrimientos que se deriva de la desigualdad de género. Nos refieren, en este artículo, cinco historias reales que nos conmovió, además de reflejar una gran cantidad de dolor y superación. La propuesta es hacer el lector se siente por lo menos un poco de lo que sentimos cuando hablamos con cada mujer. El impacto en nuestras vidas fue muy importante y determinante para orientar nuestros estudios sobre la desigualdad de género a partir de ahora.

PALABRAS CLAVE: Diaria. Bom Jardim. Género. Mujeres por la Paz. Violencia.

INTRODUÇÃO

A idéia de escrever esse trabalho surgiu de um diálogo que eu e Mariana tivemos quando ela veio me visitar durante um pós-operatório. Conversávamos sobre a experiência de participar de um projeto do Ministério da Justiça, executado pela Universidade de Fortaleza, intitulado Mulheres da Paz. Eu como coordenadora do projeto, ela como professora do curso. O projeto dedica-se a selecionar 300 mulheres do bairro Bom Jardim (o mais violento de Fortaleza-Ce) e capacitá-las com um curso de 400ha em direitos humanos e mediação de conflitos para que elas possam atuar junto aos adolescentes em situação de risco.

Como boas amigas que nos tornamos ao longo desses anos (fui professora desde a graduação), dedicamos tempo a diálogos sobre vários temas; nesse dia, discutíamos gênero e o projeto Mulheres da Paz.

Ela falava com tanto entusiasmo das “minhas” alunas, das “minhas” mulheres da paz, que eu, enfim, exclamei: “Você tem que passar esse sentimento para um texto. Vamos fazer isso. Seremos (então eu parei de falar por um momento e lembrei da noite anterior, em que pela ‘enésima’ vez tinha lido para minha filha a história do Pinóquio) como o Grilo Falante. Contaremos a história e participaremos dela”. Assim surgiu a idéia do “diário”.

Sabíamos que estávamos quebrando algumas regras tradicionais que tanto temos seguido ao longo de estudos acadêmicos, mas desta vez, sentimos vontade de expressar em um texto, da melhor forma, da maneira mais intensa possível, o “sentimento”, a dor vivida e sentida da desigualdade de gênero por mulheres, nesse caso, pelas “mulheres da paz”. Seguimos então o caminho metodológico adotado por Patricia Williams³.

Pensamos uma metodologia que permitisse otimizar a nossa proposta: “passar vida para o papel”. Desse modo, realizamos um levantamento bibliográfico para compor o marco teórico. Estudamos, ainda, documentos com pesquisas sobre violência de gênero e, em especial, redações que solicitamos que fossem escritas pelas mulheres da paz com o relato de casos reais vividos por elas. O título das redações era: “Sofri por ser mulher”.

Também realizamos pesquisas de campo, com entrevistas em forma de diálogos diários com essas mulheres. Assim, fomos contando essas histórias de vida. Relatamos cinco histórias reais que nos comoveram e que refletem diferentes tipos de violência resultantes da desigualdade de gênero, além de refletirem muita dor e superação.

A proposta é que o leitor sinta pelo menos um pouco do que sentimos ao conversar com cada mulher. O impacto em nossas vidas foi muito significativo e determinante para orientar nossos estudos sobre desigualdade de gênero daqui para frente.

Atribuímos nomes fictícios às mulheres, preservando, assim, suas identidades conforme exigem as regras dos comitês de ética. Os nomes escolhidos para elas foram nomes de flores, fazendo referência às flores do “Bom Jardim” em que vivem.

O Projeto Mulheres da Paz, como ressaltamos, tem como objetivo incentivar mulheres, a partir de um programa de capacitação, a fortalecer, se já existentes, ou construir redes de prevenção de violências que envolvem jovens expostos a situações de risco.

Honestamente, pensávamos que teríamos apenas de lecionar princípios básicos de Direitos Humanos, Direito Público, Direito de Família, Direito da Mulher, Mediação de Conflitos, dentre outras matérias relevantes. Nunca imaginamos, porém, que criaríamos um vínculo tão forte com essas mulheres. Antes alunas, hoje amigas, a experiência vivida com essas mulheres é um tesouro que, com certeza, guardaremos sempre em nossas melhores lembranças.

DESENVOLVIMENTO: DIÁRIO 1. ACÁCIA

Fortaleza, 15 de Outubro de 2009.

Mais um dia daqueles! Acordo cedinho, cerca de cinco horas da manhã, vou para a academia, daquelas que têm várias agora aqui na cidade, "só para mulheres", retorno para casa, dirijo em direção ao Bom Jardim, que é onde eu me encontro e me reconheço como ser humano. Lugar onde, diariamente, descubro e redescubro quem eu sou. É na sala de aula, local onde eu apresento a essas mulheres uma outra realidade, realidade sobre seus direitos que elas até bem pouco tempo desconheciam, que eu tento ensinar e aprender a valorizar o ser humano. São essas mulheres, as Mulheres da Paz, como são conhecidas por todos, as verdadeiras mestras, professoras da vida, não eu, que tenho como bagagem apenas aquilo que li e estudei em calhamaços de bibliotecas. As "minhas" mulheres conhecem e convivem com a concretização de muito do que aprendi quando li Woolf¹ em *Um teto todo seu*, onde ela mostra com muita propriedade o desejo e a ânsia de mulheres de possuírem autonomia e liberdade, de poderem viver sem o consentimento dos homens. Essas mulheres, mais do que liberdade, lutam, dia após dia, por paz, pela liberdade de sair de suas casas sem estarem rodeadas pela ameaça, pela violência, pelo medo.

Pois é, estava eu conversando com "minhas" alunas sobre Direito da Mulher, quando uma delas, exemplo de pontualidade, chegou em sala, faltando pouco tempo para a aula acabar e trazendo consigo, como era de costume, uma bolsa de pano. Dessa vez, no entanto, trazia também um olhar apreensivo e perturbado. Esse último "detalhe" logo me chamou a atenção e, aproveitando que todas estavam se preparando para a apresentação de uma dinâmica, perguntei se estava tudo bem. Perguntar não me deixou menos preocupada, pois uma única e tímida lágrima rolou em sua face. E ela me disse que precisava conversar.

Estávamos em um corredor, no qual alunos da escola CAIC andavam apressados, gargalhando e fazendo muito barulho. Afastamo-nos um pouco daquela confusão e eu comecei, perguntando como poderia ajudá-la. Acácia disse que não sabia o que fazer, pois sua filha de doze anos, a quem amava, havia se envolvido com homem mais velho, trinta e seis anos, homem esse que freqüentava sua casa constantemente e que havia crescido em sua rua. Sua filha, uma menina-moça, que ainda brincava com bonecas, manteve, por duas vezes, relações sexuais com esse homem, já pai, já esposo, já experiente e que, inescrupulosamente, iludiu uma menina cheia de sonhos.

Como lidar com um caso desses? Estupro presumido, artigo 216 do Código Penal. Pena: dois a quatro anos. Foi o que aprendi na faculdade. Muito simples. Mas a realidade não é nada ordinária. Ou, talvez, "ordinária" demais. É pesada, difícil de enfrentar e, muitas vezes, como nesta situação em que me deparei, suja e inescrupulosa. Que realidade cruel é essa que eu demorei tanto tempo para conhecer, assim, tão de perto? E um caso que, como advogada, me pareceria tão comum, como professora dessas "minhas" mulheres, me deixou sem chão. Tive de conter as lágrimas e demonstrar força para aquela mulher que necessitava de um porto seguro, nem que fosse por um instante.

A impunidade não poderia reinar e deveríamos zelar pela incolumidade física e mental de sua filha. Todos os dias, mulheres são submetidas a condições de humilhação e são subjugadas por uma idéia de força viril por parte de homens que iludem, mentem, usurpam e estupram. Essa história me fez pensar sobre como as mulheres lutam pelos seus filhos ou por aqueles por quem são responsáveis direta ou indiretamente. Refleti sobre o que eu havia estudado sobre o projeto "Mulheres da Paz". Ao conhecer o projeto, questionei-me: 'por que mulheres'? Havia um relato de membros do Ministério da Justiça que a maior parte dos projetos e ações que envolvem jovens em conflito com a lei são propostos, questionados e avaliados por mulheres. O maior número de reclamações na ouvidoria do Ministério da Justiça sobre qualquer projeto era feito por mulheres. Daí o protagonismo em projetos que exigem o "cuidar".

Realmente, parece-me que E. Fromm estava adivinhando o que aconteceria no futuro quando escreveu que “as tendências manifestadas na sociedade moderna evoluem em direção a uma sociedade matriarcal, onde a lei da mãe substituirá a lei do pai.”⁵ Se isso vai acontecer ou não, ainda não tenho respostas. Sinto que o caminho a se buscar é o do equilíbrio, da igualdade e da solidariedade. As mulheres têm tido um papel prioritário nas lutas em prol da paz, dos movimentos que protegem a criança e o adolescente e de atividades em prol da igualdade de gênero. Elas vão à luta. As protagonistas são mulheres comuns. Não sei se posso chamá-las de “comuns”. São mulheres que fazem de atos diários, grandes conquistas.

Lutam assim, como Acácia, que, apesar de todas as provações, continua acordando bem cedo, adiantando os afazeres domésticos e os cuidados com seu marido e com a sua filha de doze anos, que continua brincando de boneca. Agora ela luta para resolver, da melhor forma possível, a situação em que sua filha se encontra. O mais interessante é que EU agora faço parte dessa luta. Olho então para Acácia, depois de falar comigo, a vejo andar alguns quarteirões e “pegar” o ônibus: mais um dia de faxina na casa da Dona Luciene. Mais um dia, mais uma batalha, mais um vitória. Um dia de cada vez.

2. VIOLETA

Fortaleza, 19 de Outubro de 2009.

“A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades. Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural”. Foi o que afirmou Aristóteles. “A mulher é um homem incompleto, um ser ocasional”, escreveu Santo Tomás de Aquino. Foram de frases como estas que lembrei quando ouvi a história de Violeta.

Violeta sofreu preconceito por ser mulher desde seu nascimento. Sua mãe encontrava dificuldades para engravidar e seu pai, por outro lado, sempre sonhava em ter um filho. Filho! Sexo masculino! Após alguns anos de tentativa, veio a tão sonhada gravidez. Seus pais (de Violeta) não se continham de tanta alegria. Aos cinco meses foi feito o primeiro ultra-som. O pai foi junto. E quando o médico disse que era uma menina, seu pai não acreditou de início. Disse que o médico não sabia de nada e decidiu que procuraria outro especialista. E assim se deu. Mesmo resultado. Uma menina. “Não pode ser”. Essa situação me fez lembrar o que li na obra de Rosiska⁶ sobre a “naturalização” da mulher, no sentido de que a mulher faz parte da natureza e não está sendo incorporada significativamente na cultura humana. É, o pai de Violeta, pela aversão à própria filha, parece não a considerar sequer humana, pelo simples fato de ela ser mulher.

Violeta afirma, segundo o que lhe contaram anos depois, que ele ficara completamente transtornado. Agrediu verbalmente sua mãe e pediu a separação. Não aceitava que sua esposa, após tantos anos de sacrifício, o recompensaria com uma “menininha”. A separação perdurou por apenas dois meses, pois Fausto, seu pai, de acordo com o relato de parentes, não encontrara rentabilidade em contratar uma empregada que cuidasse da casa e que lavasse suas roupas. Assim resolveu “buscar” sua esposa (mãe de Violeta) na casa de sua sogra. O pai de Violeta, quando ela nasceu, não quis nem a ver. Para registrá-la, foi uma verdadeira luta. Apenas após muitas lágrimas concordou.

Lembrei-me de Beauvoir⁷, uma das pioneiras sobre o estudo da mulher e do feminismo, que percebia o temor por parte de homens e mulheres machistas de sua época, e já discutia a idéia de que nascer mulher não basta para ser mulher. A mulher é considerada como “o outro”, e Simone De Beauvoir afirma que não é o Outro que se auto-definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o outro não se transforme em Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De Beauvoir faz um alerta às mulheres que, e alguns casos, podem se tornar cúmplices da própria submissão. Percebe-se com a história de Violeta que, assim como no início do século XX, o machismo ainda perdura na atualidade.

Quando Violeta completou oito anos, Fausto deu à sua mãe um ultimato: ela deveria escolher entre a filha e o marido. O esposo foi o eleito, contrariando a (quase) certeza de que uma mãe sempre luta por seu filho. Violeta foi entregue à sua avó materna para ser criada. Certa vez li que gênero é a construção social do feminino e do masculino⁸. Todavia, diante de tal situação, mais parece que vivemos em uma desconstrução social, na qual o patriarcado parece ainda vigorar.

Sua avó não detinha de boa condição financeira, é bem verdade, mas "lhe cobrira de carinho e amor". Violeta, entretanto, ainda sofre com a rejeição de seus pais. Aos quinze anos, teve seu primeiro namorado, mas sobre o qual todos diziam ser uma má companhia.

Violeta fugiu e foi morar em outro bairro. Fábio, companheiro de Violeta, dizia trabalhar com entregas e esse amigo era seu sócio nos negócios. Ela acreditava. E acreditou até chegar um dia em que Fábio apareceu em casa com os olhos vermelhos e com atitudes descontroladas. Quando Violeta perguntou por onde ele andara sentiu, de imediato, uma queimação imensurável em seu rosto. Fábio havia lhe esbofetado de modo tão brutal que ela caíra sobre uma mesa de vidro, que se quebrou com a pancada.

Ele finalmente assumira que era usuário de drogas e que as vendia. Mas pediu-lhe desculpas e prometeu não repetir. Violeta o amava muito e, assim, resolveu perdoá-lo. Talvez não tenha sido muito boa idéia, pois, conforme o tempo passava, Fábio tornava-se mais ciumento e agressivo. Mas Violeta não desistia, pois acreditava que seu amor por ele era mais forte que a obsessão de Fábio pelas drogas. Infelizmente não foi o que aconteceu. Após quatro anos de luta e muita amargura, Violeta perdeu Fábio para o crack. Após problemas com traficantes, Fábio foi baleado com três tiros na cabeça. Não houve sequer tempo de levá-lo ao hospital. Quando Violeta ouviu os tiros, correu. Mas era tarde demais. Fábio estava lá, no asfalto, estirado, sangrando, morto.

Violeta ainda sofre com a morte de um homem que, apesar de tê-la feito sofrer, ela havia amado. E, principalmente, Violeta sofre por ter sido uma mulher desde o nascimento rejeitada. Rejeitada pelo simples fato de ter nascido mulher. "Não é justo. Mulher só nasce mesmo pra sofrer. Preferia ter nascido homem", disse Violeta. Eu me senti impotente. Não consegui compreender como Violeta pôde deixar-se prender a alguém que tanto a fez sofrer. Que vínculos são esses, perguntei - me!

Saí do Bom Jardim pensando no que eu poderia ter dito a Violeta. Ao chegar a casa li um pouco mais de Beauvoir e percebi que às vezes as mulheres se auto-subjugam. Vejam essa passagem que me fez começar a entender os sentimentos de Violeta: "Isso é que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro"⁹.

Violeta perdeu-se nesse mundo de desamor. Ela atribui todo o infortúnio ao fato de ser mulher. Se ela pudesse decidir, escolheria ser homem! Ela está repetindo o abandono de seu pai. Só que agora, Ela "se abandonou"!!! Ela precisa decidir ser o Um! Ela precisa apresentar-se como Sujeito!

Percebi que não havia o que ser dito, pelo menos naquele momento. O que eu dissesse não seria compreendido por ela, naquela rápida conversa. Primeiro ela teria que se sentir protagonista de algo bom, daí uma transformação interna poderia acontecer! Naquele instante, Violeta precisava ser ouvida. E eu percebi que havia feito a minha parte. Ao menos por ora.

3. CAMÉLIA

Fortaleza, 20 de Outubro de 2009.

A história de Camélia me fez sofrer. Fez-me debruçar sobre vários livros e pesquisas sobre abuso sexual, em especial contra crianças e adolescentes. Encontrei relatos desumanos, situações que me fizeram retornar à Hobbes e acreditar que o ser humano é mau por natureza. Lembrei-me de uma reportagem que li um dia antes da data em que se lembra a luta contra a violência sexual, dia 18 de maio. As estatísticas demonstravam números alarmantes de denúncias relacionadas ao abuso

sexual de crianças e adolescentes, chegando, em 2008, a quase cinco mil, o que coloca o Ceará na 6ª posição nacional no ranking dos estados onde há mais casos de abuso sexual. Recordei, ainda, de uma leitura que fiz, na qual os autores falavam sobre mitos e verdades acerca do abuso sexual e afirmavam que “pesquisas recentes revelam que 1 em 3 a 4 meninas (...) serão vítimas de abuso sexual até a idade de 18 anos”¹⁰. Pergunto-me quantas mulheres e meninas ainda passarão pelo que minha aluna e amiga Camélia passou. O abuso sexual deixa marcas difíceis de serem apagadas, pois “representa a ruptura do pacto de confiança, o que provoca o processo traumático na vítima, destruindo as expectativas de proteção e a crença na própria sociedade”¹¹.

Um dia em sala de aula, Camélia havia dado um triste depoimento sobre o abuso sexual que sofreu durante muito tempo enquanto menina. Pedi a ela que, se possível, me relatasse por escrito como tudo ocorreu. Ela o fez sem nada argumentar e ressaltou que sua história poderia servir de encorajamento para mulheres e meninas que passam ou passaram por situações semelhantes. Assim, senti a necessidade de transcrever tal relato nesse diário.

Tudo começou numa linda manhã ensolarada. O sol entrou pela janela do meu quarto dando as boas notícias daquele belo dia. O sol me dizia que era um excelente dia para correr pelo campo e tomar banho de rio. Saltei da cama, pus o chinelo nos pés, e saí correndo pelo campo aberto. Eu tinha uma vida tão feliz!

Enquanto corria pelo campo, o melhor amigo do meu pai se aproximou de mim e me ofereceu um brinquedo. Disse que iria comprar numa mercearia mais na frente. Mas quando chegamos numa casa abandonada, ele me levou para dentro. Dizia que precisava me mostrar algo. Foi ali, naquela casa abandonada, que a minha infância, alegria e esperança chegaram ao fim. Lutei com todas as minhas forças, mas era uma luta desigual. Um homem de uns quarenta e cinco anos, forte e musculoso, contra uma menina de oito anos de idade, raquítica, muito magrinha e indefesa. Depois de lutar até ficar suada e sangrando com muitos ferimentos, consegui dele escapar. Mas as marcas ficaram para sempre. Durante um longo tempo da minha vida, a última vez que me viram sorrir foi antes de entrar naquela maldita casa.

Não consegui contar aquela história para ninguém, apesar do meu pai se perguntar o porquê do seu melhor amigo ter fugido daquele povoado sem se despedir. Tudo o que eu pensava é que ninguém iria acreditar em mim. Ou então, simplesmente me culpariam pelo que aconteceu. Depois disso, comecei a ficar muito estranha; era desconfiada, mal humorada e comecei a sentir nojo de qualquer tipo de alimento; só queria morrer, de tanta tristeza. Por conta desse comportamento, minha mãe mandou que eu morasse com uma tia, três anos após o ocorrido, que morava em Fortaleza.

Mamãe ficou comigo uma semana, na tentativa em vão de me convencer a ficar com minha tia. Mesmo contra minha vontade, foi o que aconteceu. Essa mudança me causou uma ferida ainda maior. Quando minha mãe pegou o táxi para ir embora naquela manhã, manhã parecida com aquela, mas numa época em que eu já não mais admirava o brilho do sol, eu corri atrás do táxi até a esquina e, mamãe sequer olhou para trás. O motivo do desespero não era só o abandono.

Três dias após a minha chegada naquela casa, o esposo da minha prima, um homem acima de qualquer suspeita, começou a me tocar. Agora, com onze anos de idade, me sentia mais fragilizada do que nunca. O nojo pela comida começou a aumentar e, por não conseguir me alimentar, adquiri sérios problemas de saúde, diminuindo, assim, qualquer chance de voltar para casa, pois necessitava de cuidados médicos que, no interior do Ceará, eram praticamente impossíveis de se ter naquela época.

Os abusos continuaram, todo final de semana. E, muitas vezes, duas vezes pela semana também. A cada fim de semana eu desejava amanhecer o dia dentro de um caixão. A morte devia ser melhor do que aquilo, ser tocada por aquele homem que me causava asco e sofrimento.

Aos catorze anos de idade, eu ainda era raquítica e todos que me viam pensavam que eu tinha apenas nove anos. Isso me deixava muito brava! E foi nessa idade, aos catorze anos, que começou a brotar no meu coração um sentimento de vingança muito forte. E a primeira “vítima” foi a minha mãe. Comecei a tratá-la com indiferença, demonstrando rancor, mágoa, ressentimento. Dizia para as pessoas que agora minha mãe era minha tia, só pelo fato de saber que alguém iria contar para

ela. A próxima "vítima" foi meu pai. As agressões continuaram e o ódio por minha mãe aumentou ao extremo. Resolvi, então, aniquilar completamente minha mãe do meu coração e, naquele momento, tudo o que eu podia oferecer aos meus pais era ódio e indiferença. Puxa! Quando menina, eu me sentia tão segura perto deles! Eles não eram pais carinhosos, mas só de tê-los por perto eu sentia que estava em uma cidade-fortaleza, cercada de muralhas protetoras. E naquele dia em que me deixaram com minha tia, a minha vida ou resto de vida, acabou. Tudo o que eu lembrava era de uma cena cruel que passava como um filme em todas as noites da minha vida, em minha mente: a cena do táxi partindo e eu atrás, correndo, inutilmente. Três anos da minha vida se passaram com essas noites de amargura. A cada ano, mesmo com todo aquele ódio que eu nutria, quando mamãe me visitava, eu corria atrás do táxi e gritava. E os meus olhos de profundo pavor diziam: "Socorro, mamãe! Ajude-me, por favor!".

Aos dezessete anos me casei e, finalmente, librei-me daquele agressor. Algum tempo depois, já com dois filhos, a maternidade me ajudou a renovar meus sentimentos bons e minha sensibilidade. Certo dia, olhando para meus filhos que dormiam aos cuidados dos olhos de uma mãe que mais parecia uma águia protegendo seus filhotes, comecei a chorar e lembrei-me de mamãe. Chorei durante um dia inteiro e parece que aquelas lágrimas, ao escorrerem, iniciaram uma limpeza em meu coração. Após muito refletir, perdoar a minha mãe foi simplesmente inevitável.

Consegui perdoar, mas não consegui me livrar da dor e da vergonha que até hoje me rondam. Até recentemente, estive muito doente, com uma profunda depressão e o nojo pelo alimento voltou a me agredir de forma muito violenta. Felizmente, estou me recuperando, graças ao amor dado e retribuído pelos meus filhos e meu esposo. Hoje me sinto uma nova mulher, mas creio que as marcas de tanto sofrimento nunca serão totalmente apagadas. As más lembranças vêm diariamente à minha mente. Mas tento encará-las de outro modo. Agora elas me dão força para ajudar outras pessoas que sofrem ou já sofreram esse e outros tipos de agressão. São meninas jovens e adultas que, um dia, já viram a luz do sol brilhar de forma pura, como um dia eu vi.

4. ROSA

Fortaleza, 22 de Outubro de 2009.

Semana passada, chegou à sala de aula uma aluna nova, Rosa. Ora, eu logo me espantei, pois aquele rosto era novo, depois de já dois meses de aulas. Disse olá e perguntei se ela estava em outra turma. Dissera ela que não, que aguardava uma turma em dias de sábado, mas como isso não aconteceu, resolveu freqüentar as aulas de terça e quinta à tarde. Dei as boas-vindas e convidei-a para sentar.

Estávamos a continuar o assunto do último encontro, que havia sido sobre violência doméstica. Em meio à conversa, algumas mulheres citaram exemplos de vizinhas que sofrem ou sofreram algum tipo de violência por parte do marido ou de qualquer outro membro da família. Outras relataram fatos ocorridos em suas casas. Pensei em silêncio, lembrando dos números que alarmam. A realidade brasileira acerca da violência contra a mulher é assustadora. As últimas pesquisas demonstraram que no nosso País, uma mulher é agredida a cada quinze segundos. Em pesquisa realizada pela Universidade de Fortaleza (subsidiada pela Fundação Cearense de Amparo ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP), em 700 questionários aplicados às mulheres do Grande Bom Jardim, 75% delas responderam que conheciam um ou vários casos de mulheres que sofreram violência. Além disso, muitas permanecem como vítimas da violência durante toda a vida, pois têm medo de serem mortas pelo agressor caso denunciem.

Voltei aos debates. Percebi que minha nova aluna havia se interessado pelas discussões e diálogos. Rosa, ao final da aula, veio conversar um pouco comigo. Disse-me que havia gostado muito da aula. Simpatizei com Rosa desde o início, achei-a uma pessoa agradável e alegre. E ela realmente é. Às vezes, no entanto, noto que ela não se concentra muito nas aulas e se perde em seus próprios pensamentos. Depois de um diálogo mais próximo descobri o porquê.

Como senti que as mulheres estavam muito sensibilizadas e compadecidas em razão do sofrimento das histórias que elas mesmas relataram, resolvi incumbi-las de uma tarefa. Elas deveriam escrever uma redação, com o seguinte tema: Sofri por ser mulher. Todas se interessaram pelo tema e prometeram levar o escrito no encontro seguinte.

E assim se deu. Ontem recebi muitas redações e, na minha mesinha de estudo, comecei a corrigi-las. A primeira era a de Rosa. E ao ler, não pude conter minhas lágrimas, que, por pouco, não mancharam seu trabalho. Por pouco mesmo. Senti muita tristeza ao ler o texto. Mas, ao mesmo tempo, senti orgulho por ser mulher, pois Rosa sentia! E por isso está conseguindo seguir em frente, mesmo com tanto sofrimento. Eu poderia explicar tudo com minhas palavras o que se deu, mas creio que seja melhor transcrever algumas de suas falas no meu relato. Digo quase, porque muito do que escreverei, terá um pouco do meu sentimento contido. Sentimento esse que tentei esconder quando Rosa, hoje à tarde, veio conversar comigo, explicar-me e reafirmar tudo o que havia escrito. Rosa acredita que muito do que aconteceu em sua vida se deu por ela ser mulher. Nas suas palavras: "eu vou falar um pouco da minha vida, porque eu acredito que alguns acontecimentos da minha vida foram ocasionados por eu ser mulher". Aos sete anos, ocorreu algo que nunca sairá de sua memória. Rosa foi abusada sexualmente. E pior, por alguém que não era um desconhecido, mas por alguém de extrema confiança de sua família e de grande influência em sua comunidade; "uma pessoa", escreveu Rosa, "que se alguém dissesse algo contra, ninguém acreditaria".

Rosa foi violentada aos sete anos pelo noivo da irmã. E tal fato continuou por alguns anos, cessando apenas após o casamento de sua irmã, quando Rosa já contava com doze anos de idade. Rosa se sentia a última das criaturas, chorava sozinha todas as noites, apenas albergada pelo aconchego de seu travesseiro; este, palavras de Rosa, "não me maltratava, não me censurava e era o único capaz de enxugar-me as lágrimas".

O tempo passou e Rosa deu início a um namoro. "Estevão (esse era seu nome) parecia ser uma pessoa compreensiva, me apoiava em todas as minhas decisões", disse Rosa. E foi assim, até decidir morar com ele. Logo no início da convivência, Rosa se apercebeu do erro que havia cometido. Estevão, nas primeiras semanas, passou a agir de forma muito diferente. Demonstrou ser um homem extremamente agressivo. Rosa me descreveu sua personalidade como "ruim de natureza". Agredia-a de todas as formas. Espancava-a quase que diariamente, sob influência ou não do álcool. Certa vez, quebrara seu braço e, em outra ocasião, feriu-a com uma faca e até queimara-a com água quente. Lembrei-me de uma entrevista que li sobre Maria da Penha, a mulher a quem a lei de violência doméstica contra a mulher homenageia. Em entrevista para o Jornal de Fato, em 23 de março de 2008, Maria da Penha falava dos quinze anos que viveu sob a mira de constante agressão e maus tratos. Penha chegou a sofrer uma tentativa de homicídio, sendo baleada nas costas e ficando paraplégica. Duas semanas depois, seu marido tentou eletrocutá-la durante o banho. Foi quando ela decidiu, finalmente, separar-se. Mas para tomar essa decisão, foram necessários muitos "socos e pontapés" para que Maria da Penha tivesse a iniciativa de se libertar. Rosa, da mesma forma, disse: "Eu tinha que suportar, pois eu não tinha como me sustentar e eu não tinha absolutamente ninguém a quem recorrer".

Paralelamente a isso, Rosa engravidou. Três vezes. A primeira vez, no início da convivência com Estevão, aos catorze anos e aos dezessete anos Rosa já não podia mais ser mãe (isso Rosa me relatou com muitas lágrimas). Dei à Rosa um lenço, e a abracei com força, como se a dor pudesse ser diminuída com aquele gesto. Fez-se uma pausa e ela continuou me relatando o que havia ocorrido. Rosa não podia mais ser mãe, pois, uma vez menor de idade, seus pais autorizaram o médico a fazer "ligação", tornando-a, dessa forma, estéril. Foi o que me reafirmou Rosa enquanto conversávamos. Ela, segurando aquele lenquinho, já encharcado. Eu, a sua redação.

Rosa já havia vivenciado a experiência de não ter o controle sobre o seu corpo quando fora abusada sexualmente, e depois do seu direito de ser mãe. Como podem outras pessoas decidirem acerca do meu ou do seu direito de ser mãe? Sabe-se, como ela mesma relatou, que Rosa contava apenas com dezessete anos e já tinha dado à luz ao seu terceiro filho, mas até que ponto alguém pode decidir por ela? Recordei-me de Margaret Mead, que escreveu o seguinte: “toda sociedade humana lida a rigor com dois problemas populacionais ao invés de um: como gerar e educar filhos suficientes e como não gerar e educar um número grande demais”¹². Isso me fez lembrar também do tratado internacional, ratificado pelo Brasil, que dispõe sobre os direitos da mulher, no qual a Organização das Nações Unidas protege expressamente o direito da mulher de escolher quantos filhos terá e quando os terá. Enfim, dá à mulher a autonomia de realizar o planejamento de sua família.

Após tudo o que refleti, fiz, em segundos, um resumo da situação de Rosa aos dezessete anos: como menina, molestada sexualmente, como mulher, espancada pelo marido, como filha, violada em seu direito de ser mãe e com o sentimento de abandono e desprezo por parte de sua família. Em algum momento de nossa conversa, Rosa até desabafou: “Era preferível que eu tivesse feito por merecer tanto desprezo de meus pais. Ao menos eu saberia o motivo.” Rosa ainda me disse que, certa vez, cansada de ser agredida, pediu aos pais para voltar para casa, mas a resposta que eles deram foi a seguinte, conforme as palavras dela: “se eu tinha sido mulher para abrir as pernas, eu também seria mulher para enfrentar o mundo”. Após esse dia, Rosa fez uma promessa a si mesma: aos dezoito anos daria um rumo em sua vida. Felizmente daquele momento de profundo desamor, Rosa encontrou forças para lutar.

O tempo passou, cerca de seis anos, e Rosa venceu. Comprou sua casa, seu transporte e, alguns anos mais tarde, pôde buscar seu filho e criar, finalmente em paz, seus três meninos da forma que ela sempre sonhou. Sem agressões, sem maus tratos. A vida de tanta dor, no entanto, deixou marcas e em algumas searas na vida de Rosa ainda ecoam. É o que acontece na sua vida íntima. Rosa, no entanto, casou novamente, dessa vez com um bom homem. Homem que a respeita e compreende as limitações que a vida sofrida a impôs. Acredita Rosa que o amor a libertará de algumas amarras do passado. E Rosa vem tentando ser feliz. Nos dizeres da jornalista Marina Colasanti, “é assim, aos poucos, ganhando terreno em pequenos avanços, que você se aproxima e se apossa da felicidade. Não acontece de um dia para o outro, não é uma loteria(..). Mas o prêmio é o maior e mais valioso de que se tem notícia. Ele é de quem o merece, não como um presente caído dos céus, mas como um troféu que cabe de direito ao ganhador”¹³.

Após tanto desabafo, não sabia o que dizer a Rosa, mas a abracei, daqueles abraços que querem dizer “pode contar comigo”. É, dizem que não se deve misturar trabalho com relação pessoal, mas como NÃO amar essas mulheres como irmãs que elas verdadeiramente são? Todas nós somos uma só, visto que estamos sujeitas a passar pelas mesmas provações, preconceitos, humilhações, simplesmente por ser mulher. E devemos ser sujeitos de nossas vidas! protagonistas! Devemos decidir e não deixar que decidam por nós, como se incapazes fôssemos. O caminho para que isso aconteça (diante de um mundo ainda repleto de desigualdade e violência de gênero) provém de um antigo e genuíno ditado popular: a união faz a força. E faz mesmo.

5. LIS

Fortaleza, 26 de Outubro de 2009.

A história de hoje é sobre uma aluna chamada Lis e, desde o primeiro dia de aula, percebi em sua pessoa uma mulher de personalidade forte e enorme potencial.

Lis é uma das mulheres que sempre tem histórias para contar e, por mais tristes e chocantes que sejam seus relatos, ela nunca os descreve com tristeza ou pesar, mas com revolta e, às vezes,

até satisfação, por reconhecer em si mesma alguém forte e de fibra. Sempre que avisto Lis chegando aos nossos encontros, lembro-me de todas essas mulheres da história que lutaram e se destacaram em alguns momentos cruciais, a exemplo da Revolução Industrial. E em se tratando desse assunto, Perrot escreve com propriedade o papel das mulheres nessa época: "Mais que os homens, tragados pela fábrica e imperativos da produção, presos nas redes da modernidade (...); mais que eles, as mulheres, cimentos do povo, sangue das cidades, foram rebeldes à ascensão da ordem industrial"¹⁴.

Uma das histórias de Lis que mais me marcou foi algo que ocorreu recentemente, em algum feriado prolongado. Lis descansava em sua casa quando ouviu alguém gritar chamando pelo seu nome. Era da casa de sua mãe. Lá chegando, deparou-se com uma cena terrível: seu padrasto, com uma garrafa quebrada, em vias de atirá-la contra sua mãe. Bêbado, ele ameaçava matá-la. Ouvir isso me fez lembrar de estudos e de livros, mas, pela primeira vez, sentia uma experiência tão de perto. Meu coração ficou apertado e os olhos rasos d'água. O sofrimento não era só de Lis, não era só de sua mãe. O problema é de todos e de todas nós. E eu começava a compreender o que Lis estava passando.

Comecei a refletir sobre a subjugação da mulher que, malgrado todos os avanços sócio-culturais, ainda perdura e, ainda, pensei em toda a violência contra a mulher em nosso país, em tantos casos de mulheres que sofrem com maridos cruéis, que se sentem, não esporadicamente, seres superiores apenas pelo fato de terem nascido homens. Tais pensamentos me fazem lembrar de um texto muito interessante que li em um livro de Virginia Woolf. Mais uma vez, Woolf nos enriquece com sua obra. O texto que lembrei é O Status Intelectual da Mulher. Nesse texto, parafraseando o escritor Arnold Bennet, notamos um exacerbado grau de machismo em suas palavras: "Se o intelecto de um homem inteligente, mas não especialmente inteligente, fosse transferido para uma mulher, ela se tornaria imediatamente uma mulher muito inteligente"¹⁵.

O drama da violência contra a mulher é algo que já faz parte do cotidiano de vilas, cidades e metrópoles. Infelizmente, tal problemática é divulgada a partir de uma perspectiva sensacionalista pelos jornais televisivos, ao mesmo tempo que tem sido encarada de uma forma muito natural pelos telespectadores, como se as agressões contra a mulher fossem algo banal, e um problema o qual não é possível resolver porque simplesmente é tido como privado. Utilizam-se até de um ditado muito famoso para justificar sua inércia: "em briga de marido e mulher ninguém mete a colher". E eu penso que muitos dos que assim agem, o fazem por não conhecer a realidade ou por querer mascarar-la. Acho que nesse caso, escolheria a ignorância. Revejo em minha mente o que li em Fernanda Marques, escritora, cearense como as "minhas mulheres", que relata em seu livro que "nos últimos anos, o fenômeno da violência passou a ser percebida como uma das maiores ameaças do final de milênio"¹⁶. É, não se pode tapar, portanto, o sol com a peneira, sob pena de a situação se agravar ainda mais. Ora, a violência de gênero resulta do sentimento de supremacia do homem sobre a mulher¹⁷ e em todas as suas formas.

Sem pensar duas vezes, Liz partiu para cima de seu padrasto, tentando arrancar a garrafa de suas mãos, até que, enfim, ele soltou. Afinal, não tinha mais tanta força após ter ingerido tanto álcool. Muito nervosa e exaltada, Liz iniciou uma discussão calorosa, e sua mãe nada falava. Ela parecia estar em choque. E Liz não podia acreditar que sua mãe estava aceitando aquela situação. Ora, há alguns anos, isso era impensável. Seu próprio pai foi expulso de casa pela sua mãe quando levantou pela primeira vez sua mão para agredi-la. "Por que será, se perguntava 'minha' mulher da paz, que mamãe agora consentia passivamente com essa situação?"

O padrasto estava totalmente alcoolizado e agressivo. Porém, quando Lis começou a falar de sua decepção em relação ao padrasto, ele ficou envergonhado. Lis foi rigorosa com seu padrasto; chamou-o de covarde, bêbado e preguiçoso. Afirmou que sua mãe o sustentava, que tinha casa e renda próprias e que os filhos a amavam e a respeitavam. Mesmo assim, o padrasto chegou ainda a ameaçar bater nas duas: em Lis e em sua mãe, que permanecia calada. Curiosamente, não havia esboçado, até o momento, qualquer ação.

Até bem pouco tempo, não existia no Brasil legislação específica acerca da violência que é praticada contra a mulher. Entretanto, foi promulgada a lei n.º 11.340, a qual trata de mecanismos que tem como fim dirimir e prevenir a violência praticada contra a mulher no âmbito da vida familiar e doméstica foi afirmada segundo os ditames da nossa Constituição de 1988, que afirma que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado e que o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações”.

Mas Lis continuou, dizendo que após toda aquela confusão ela disse que o melhor a fazer era ele sair de casa e não voltar; e que se ele tivesse ainda algum sinal de hombridade, que cuidasse da vida dele e deixasse sua mãe em paz. Seu padrasto ainda tentou reagir. Disse que não era sua intenção bater na companheira, que fez aquilo só para assustar. Boa observação fez Lis, que notou certo ar de sobriedade quando o padrasto se sentiu ameaçado. Mas ela não amoleceu e o expulsou da casa de sua mãe, que permanecia muda. E lá se foi ele, caminhando meio torto, não levando nada consigo. Parecia ter a intenção de retornar. Mas pelo menos, em casa não dormiu. Intrigada, Lis perguntou à sua mãe o porquê de tanta passividade. Ela nunca havia reagido dessa forma. Até mesmo o primeiro marido, quando levantou a mão pela primeira vez, não teve a oportunidade de repetir a ação. Então, por que seria que sua mãe, tão guerreira, obstinada e corajosa agora começara a aceitar tamanha humilhação e agressividade? Por fim, ela lhe disse algo. Disse-lhe que quando uma mulher vai ficando velha, preocupa-se em não envelhecer sozinha. Preocupa-se com a violência do bairro e não ter um homem que a proteja ou a defenda. Invertendo o velho ditado, afirmou que é melhor estar mal-acompanhada que só. Que uma mulher não pode ficar só.

Lis, entendendo a fragilidade que agora rondava a pessoa de sua mãe, calou-se e assentiu (apesar de não concordar!). Ela sabia que seu padrasto voltaria e que sua mãe o receberia “de braços abertos, lágrimas nos olhos e um profundo medo no coração”. “Melhor temer a um que temer a vários”.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Escrever esse artigo nos foi, ao mesmo tempo, prazeroso e sofrível. Dizemos isso porque estar em contato diário com as Mulheres da Paz é uma experiência magnífica, já que aprendemos com elas tudo aquilo que antes, para nós, estava apenas nos livros, documentos, revistas e jornais. E para pesquisadoras, que sempre se interessaram nos estudos sobre a mulher, a experiência com essas mulheres é como um tesouro, ou melhor, como um colorido (às vezes nem tão colorido assim) jardim.

Entretanto, vivenciar seus problemas e sofrimento nos entristeceu, pois nos fez conhecer uma realidade caótica, em que a mulher, muito embora tenha havido notáveis avanços sócio-culturais na sociedade, ainda hoje é subjugada e maltratada por desconhecidos, maridos, companheiros e até pais que, ainda hoje, crêem que o homem é um ser superior.

A razão de tantas idéias anacrônicas é, entre outras, o nosso passado. Ora, como vimos, muitos autores, cada um em seu tempo, demonstraram preconceitos contra a figura feminina. Podemos citar autores modernos, como a figura do “Falcão Afável” no livro de Virginia Woolf, assim como pensadores que existiram antes de Cristo, como Aristóteles. D'Avilla Neto, em sua obra O Autoritarismo e a Mulher, enumera algumas conclusões que sistematizam o sistema patriarcal no Brasil, demonstrando que este vigora até a nossa contemporaneidade: “O nosso sistema patriarcal pressupõe a existência de vários tipos de poder em sua rede de comunicações interpessoais, que não podemos efetivamente reduzir à relação senhor/escravo. (...) A evolução dos papéis no Brasil não se fez em ruptura com o passado patriarcal, mas conservou profundas raízes dele, o que se evidencia ainda numa rígida estereotipia, como, por exemplo, a de carreiras femininas X masculinas. (...) A evolução dos costumes sexuais tem sido dissincrona: os modelos do patriarcalismo difundiram duas atitudes diversas em relação a homens e mulheres, nitidamente observadas nos complexos de virilidade e virgindade, respectivamente.

(...) Tanto os homens como as mulheres contribuíram para a cristalização de preconceitos em relação à condição feminina no Brasil¹⁸.

Todas as entrevistas, conversas e redações demonstraram ser um rico material de pesquisa que nos fez chegar a algumas conclusões. Dentre elas, a de que 95% das mulheres com quem convivemos no Bom Jardim sofreram ou conhecem e convivem com alguém que já sofreu alguma forma de abuso sexual ou violência doméstica. Mais chocante que essa afirmação é pensar que desse total, uma parcela considerável passou por esse tipo de violência com idade inferior a 14 anos. Tudo isso nos fez pensar as razões as quais leva um "ser humano" a agredir alguém de tal modo. Pensamos ainda porque, em muitos casos, a mulher agredida demora tanto a reagir ou, simplesmente, não reage. Isso será tema para um outro artigo, em continuidade a essa pesquisa, olhando o mundo, nesse caso, pelo olho do homem. O fato é que os seres humanos do sexo masculino de outrora e o da atualidade agiram e agem continuamente, como se fossem seres despóticos e superiores, destinando às mulheres um tratamento que as "coisifica" e que as destrói. O pior é perceber que algumas mulheres, também pensam ou agem como se concordassem com essa situação.

A busca pelo equilíbrio, a partir da vivência do sentimento de solidariedade é o desafio! Cabe encontrarmos o caminho!

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Crianças Vitimizadas**. São Paulo: IGLU, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COLASANTI, Marina. **A Nova Mulher**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1980.
- COSTA, L.F.(Org.). **Abuso Sexual: A Justiça Interrompe a Violência**. Brasília: Líber Livro, 2008.
- D'AVILA NETO, Maria. **O Autoritarismo e a Mulher**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **La Femme Indépendante. Extraits du Deuxième Sexe**. Paris: Gallimard, 2008.
- FROMM, E. **The Theory of mother right and its relevance for social psychology**. In: The Crisis of Psychoanalysis. New York: Holt & Rinehart, 1970.
- GONÇALVES, Lisly Andréa. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LARGUIA, Isabel. **Para uma Ciência da Libertação da Mulher**. São Paulo: Global, 1982.
- LAURENT, Alain. **Fémin Masculin: Le Nouvel Equilibre**. Paris: Seuil, 1975.
- MEAD, Margaret. **Macho e Fêmea**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PACKARD, Vance. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Record, 1968
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se Rima Amor e Dor: Cenas Cotidianas de Violência contra a Mulher**. Mossoró: UERN, 2008.

- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1990.
- SMITH, Bonnie. **Gênero e História**. Bauru: EDUSC, 2003.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que é Violência contra a Mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- WILLIAMS, Patrícia. **Alchemy of Race and Rights: Diary of a Professor**. Harvard University Express, 1992.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- _____. **Kew Gardens O Status Intelectual da Mulher Um Toque Feminino na Ficção Profissões para Mulheres**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- Universidade de Fortaleza – Pesquisa “Mulheres da Paz”. Fortaleza, mar., 2010. Coord.: Profa. Lilia Sales. Disponível no PPG em Direito Constitucional – Mestrado e Doutorado.
- BENEVIDES, R. 2009. CE é 6º em denúncias de violência sexual. **Diário do Nordeste**, Fortaleza. 05 out. 2009, p. _____. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>. Acesso em: 19 out. 2009.
- FIO CRUZ. **Os Direitos da Mulher**. 2009. Disponível em: <http://www.fiocruz.br>. Acesso em: 05 nov. 2009.
- INSTITUTO AVON/IBOPE. **Percepções sobre a Violência Doméstica contra a Mulher no Brasil 2009**. 2009. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br/> Acesso em: 20/10/2009.
- RECANTO DAS LETRAS. **O que dizem os Grandes Pensadores sobre a Mulher**. 2007. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/homenagens>. Acesso em: 12/10/2009.

NOTAS

- 1 Doutora em Direito, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Direito Constitucional/Mestrado e Doutorado da Universidade de Fortaleza-UNIFOR. Coordenadora do Projeto Mulheres da Paz – Ministério da Justiça. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Segurança Pública e Mediação de Conflitos” financiado pelo CNPq por meio de Edital Universal. Professora Titular da Universidade de Fortaleza. Fortaleza – Ceará – Brasil. E-mail: lilia@unifor.br
- 2 Professora do Projeto Mulheres da Paz – Universidade de Fortaleza, advogada e graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza – Ceará – Brasil. E-mail: maribondoas@hotmail.com
- 3 WILLIAMS, Patrícia. **Alchemy of Race and Rights: Diary of a Professor**. 9th ed. United States. Harvard University Express, 1992.
- 4 WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p.64.
- 5 FROMM, E. The Theory of mother right and its relevance for social psychology. In: **The Crisis of Psychoanalysis**. New York: Holt & Rinehart, 1970. p. 109.
- 6 OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- 7 DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- 8 SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1990.
- 9 DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. p. 13.
- 10 AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Crianças Vitimizadas**. São Paulo: IGLU, 2007.
- 11 COSTA, L.F.(Org.). **Abuso Sexual: A Justiça Interrompe a Violência**. Brasília: Líber Livro, 2008. p. 120.
- 12 MEAD, Margaret. **Macho e Fêmea**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 67.
- 13 COLASANTI, Marina. **A Nova Mulher**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1980. p. 124.
- 14 PERROT, Michelle. **Os Excluídos: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 189.
- 15 WOOLF, Virginia. Kew Gardens **O Status Intelectual da Mulher: Um Toque Feminino na Ficção Profissões para Mulheres**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 22.
- 16 QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se Rima Amor e Dor: Cenas Cotidianas de Violência contra a Mulher**. Mossoró: UERN, 2008. p. 51.
- 17 TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que é Violência contra a Mulher**. p. 25.
- 18 D'AVILA NETO, Maria. **O Autoritarismo e a Mulher**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994. p.p. 55-56.

Recebido em: 05/2010

Avaliado em: 06/2010

Aprovado para publicação em: 07/2010